

A FRICATIVA INTERDENTAL NÃO VOZEADA DO INGLÊS /θ/ POR APRENDIZES BRASILEIROS: UMA ANÁLISE VARIACIONISTA

Anilda Costa Alves

A presente pesquisa tem como intuito verificar a aquisição de um aspecto fonético-fonológico do inglês, a partir da concepção variacionista da linguagem.

A fricativa interdental não vozeada do inglês /θ/, segmento presente no início da palavra *think* [θɪŋk], constitui nosso objeto de investigação. Por não figurar no sistema linguístico do português brasileiro (doravante PB), tal segmento mostra-se de difícil acesso para os aprendizes, tanto no que diz respeito à produção quanto à percepção. Dessa forma, é comum que, sobretudo durante o processo inicial de aprendizagem, seja confundido por um segmento semelhante da língua materna (doravante LM) do aprendiz, como o som inicial da palavra fala /f/.

A partir dos dados aqui observados, o estudo busca verificar os efeitos de fatores linguísticos e extralinguísticos no processo de produção da fricativa interdental não vozeada do inglês, de modo a refletir acerca da importância de buscar diferentes estratégias pedagógicas no ensino de uma segunda língua¹³ (doravante L2). Ao estar ancorado na concepção variacionista, o estudo amplia o

¹³ Embora haja a problemática em relação ao uso dos termos segunda língua (L2) e língua estrangeira (LE), neste trabalho não há interesse em abordar tal distinção. Faremos uso do termo L2 ao fazermos referência à língua em desenvolvimento de um aprendiz, diferente de sua língua materna.

campo de visão quanto à interpretação dos resultados obtidos, contrapondo-se a análises com foco em fatores isolados e apoiando-se na busca por condicionantes múltiplos para explicar as variações encontradas na fala dos aprendizes brasileiros de inglês (L2).

1. A AQUISIÇÃO DA L2 SOB A PERSPECTIVA DA SOCIOLINGUÍSTICA VARIACIONISTA

As correntes formalistas, predominantes nos séculos XIX e XX, por meio do estruturalismo e do gerativismo, apesar de reconhecerem o aspecto social da linguagem (fala e desempenho, respectivamente), concebiam suas análises com base no entendimento de língua como um sistema homogêneo, acabado. Opondo-se a esse pensamento, a Sociolinguística trouxe contribuições importantes ainda nessa época, visto que rompeu com a ideia de que a língua é uma entidade pronta, o que permitiu observar a riqueza do seu uso e como este pode ser condicionado por fatores internos (linguísticos) e externos (extralinguísticos).

Dessa forma, um dos objetivos da Sociolinguística é averiguar os processos que regem a variação presente na fala de qualquer indivíduo pertencente a uma comunidade linguística, levando em consideração não apenas os aspectos inerentes ao sistema, mas também como tais aspectos se relacionam com a matriz social. E, ainda, objetiva observar como tal variação pode acarretar uma mudança.

Quando se trata da relação entre o desenvolvimento de L2 e a concepção variacionista, é importante destacar que até o final da década de 1980 tais estudos eram relativamente escassos. Young e Bayley (1996) apontam como um problema de pesquisa o estabelecimento de fatores isolados para a tentativa de explicação das variações encontradas nas produções dos aprendizes de L2. Como exemplo, destacam alguns trabalhos, como Beebe (1977), que atribuía a variação à etnia do interlocutor; Ellis (1987), que estabelecia que a variação decorre da quantidade de tempo que o indivíduo dispõe para esquematizar seu discurso; Selinker e Douglas (1985), que afirmavam que a variação poderia estar relacionada ao tópico do discurso (quanto maior o domínio do assunto, menor a variação); e Tarone (1985), que trouxe a atenção como fator de variação, ou seja, quanto menos atento a sua própria fala, maior a probabilidade de obter variação.

É interessante destacar que todos esses fatores juntos poderiam compor um único trabalho na tentativa de buscar explicações para as variações encontradas nas produções dos aprendizes de L2. Diante dessa problemática, Young e Bayley (1996) trazem o conceito de princípio de múltiplas causas, o qual estabelece que

o processo de variação na L2, assim como na LM, deve ser mapeado não com base em fatores isolados, mas mediante a busca de diferentes condicionantes (linguísticos e extralinguísticos).

Outro aspecto importante relacionado aos estudos em L2 e à corrente variacionista é o papel da identidade linguística, conforme discorre Bayley (2007). Tal mecanismo trata da forma como os indivíduos podem usar os processos variacionistas de maneira consciente, no intuito de indexar determinadas posturas, tratando-se assim de uma questão de puro desempenho. Assim, além de trazer respostas acerca da competência do aprendiz, a concepção variacionista é capaz de fornecer insumos no que tange ao comportamento do indivíduo diante de uma determinada comunidade de fala, deixando pistas acerca das marcas que deseja aproximar/fixar ou rejeitar, as quais não poderiam ser restringidas a fatores isolados.

2. O ENSINO DE INGLÊS COMO L2

O ensino de inglês para falantes não nativos teve início no século XV. Entre suas finalidades, destacam-se as comerciais e os processos de imigração. Até então o ensino destinava-se aos nativos, com objetivos semelhantes ao que acontece com o ensino do PB nas escolas, ou seja, busca pelo domínio dos aspectos formais da linguagem (regras gramaticais normativas).

Jenkins (2000) aponta a emergência das novas variedades do inglês decorrentes da desordem do império britânico, o que trouxe consigo os seguintes conflitos: legitimar as novas variedades e ao mesmo tempo manter a inteligibilidade linguística. Acerca da inteligibilidade, mostra-se importante salientar que os aprendizes não necessitam alcançar toda a bagagem linguística da L2, uma tarefa difícil para falantes adultos com a LM plenamente estabilizada; antes é preciso desenvolver, conforme afirma Kramsch (1993), uma competência intercultural.

Ao ser exposto às mais diversas variedades da L2, o aprendiz é estimulado a compreender as distinções existentes entre os sistemas e como estas podem comprometer ou não o processo comunicativo, para assim selecionar, entre as possibilidades de variação, aquelas que não desfavoreçam o entendimento entre os sujeitos. Dessa forma, além de ampliar o leque de possibilidades na produção e na percepção, o indivíduo pode, mediante o conhecimento dessas variedades, tornar-se mais receptivo à cultura do outro.

A respeito dos aspectos culturais envolvidos no processo de desenvolvimento linguístico, destaca-se a Teoria da Acomodação (Giles; Coupland, 1991) como elemento importante na pronúncia de uma língua como o inglês, amplamente

utilizada no mundo. Nessa teoria, a respeito da aquisição de L2, os aprendizes devem ser estimulados a ajustar sua fala a algum aspecto quando este for realmente necessário para a comunicação, desenvolvendo assim a convergência linguística. Quando aspectos específicos não forem capazes de prejudicar a comunicação, o indivíduo deve sentir-se confortável para, caso deseje, não acomodar a sua fala à L2, favorecendo o processo de divergência ou manutenção, que pode ocorrer também de forma inconsciente.

É o que acontece, por exemplo, com o nosso objeto de estudo em questão. A convergência à produção da fricativa interdental não vozeada do inglês não pode ser considerada um fator imprescindível para a comunicação, visto ser um fonema que, conforme veremos no tópico seguinte, sofre variação dentro da própria L2. Tal conhecimento, no entanto, mostra-se relevante para o aprendiz, visto que será possível para este se atentar às distinções existentes nos sistemas.

Ainda a respeito da convergência, sobretudo na LM, o que motiva sua ativação é o desejo de sentir-se aceito por um determinado grupo ou por uma questão de prestígio linguístico. Já na L2, podemos fazer uma relação com a compreensibilidade dentro de uma situação comunicativa. Assim, potencializar a capacidade do aprendiz de L2 de acomodar sua fala, quando necessário, é uma tarefa importante para o profissional de ensino. Na pior das hipóteses, tal potencialidade será capaz de maximizar o conhecimento do aprendiz quanto à não universalidade dos padrões existentes no sistema linguístico da LM, conforme os resultados trazidos por Alves (2016).

Em relação às distinções existentes entre os sistemas linguísticos, destacamos aquelas presentes na fonologia, as quais Jenkins (2000) divide em três categorias:

- i. Substituição e confusão.
- ii. Eliminação de consoantes (ou elisão).
- iii. Adição de som (prótese, epêntese e paragoge).

Em nosso estudo, os desvios fonológicos estão elencados na primeira categoria, substituição e confusão de som. Por não compor o sistema fonológico do aprendiz, é comum a não percepção e não produção desse som. Passemos ao tópico seguinte para conhecermos melhor tal segmento.

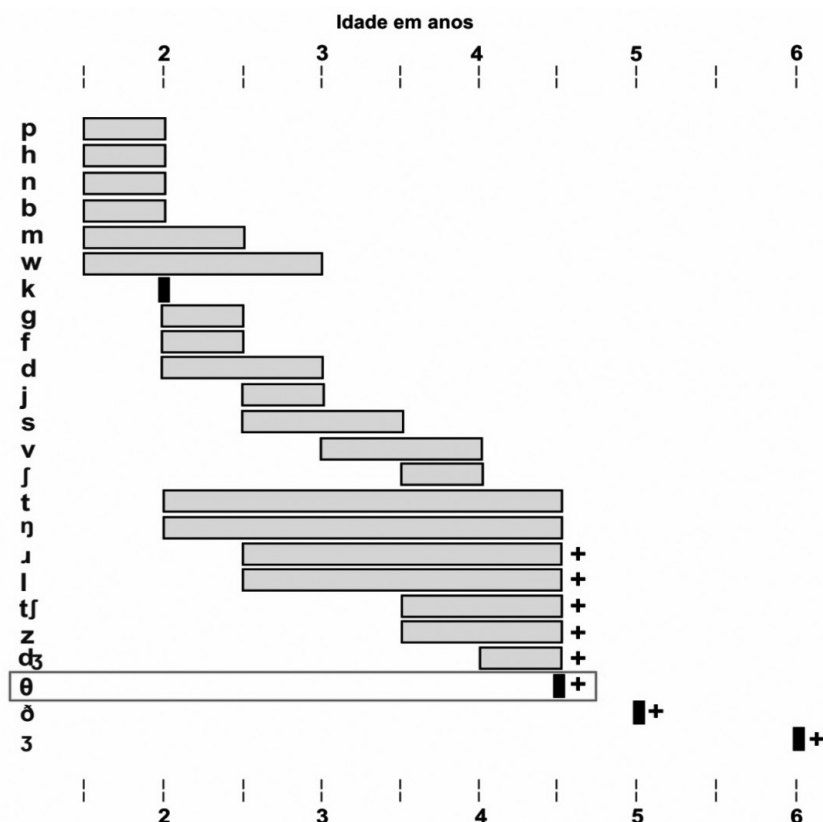
3. A FRICATIVA INTERDENTAL NÃO VOZEADA DO INGLÊS /θ/

A fricativa interdental não vozeada /θ/, fonema inicial da palavra *think* do inglês, não está presente no inventário fonológico do PB. Devido a essa ausência, é

comum que os aprendizes brasileiros, sobretudo em fase inicial de desenvolvimento da L2, substituam por outros fonemas semelhantes na LM, como a fricativa labiodental não vozeada /f/, fonema inicial da palavra **faca**, ou até a oclusiva alveolar não vozeada /t/, fonema inicial da palavra **terra**. A depender do estímulo ao qual o aprendiz é exposto, a seleção de um ou de outro pode ser mais suscetível. Diante de um estímulo auditivo, é comum a substituição pela fricativa labiodental não vozeada /f/; já diante de um estímulo escrito, é mais provável a troca pela oclusiva alveolar não vozeada /t/.

Ao fazer um mapeamento do segmento em estudo nas línguas naturais, nota-se que este é um fonema pouco recorrente. Além disso, sua aquisição se dá de forma tardia pelos falantes nativos, estando categorizado entre um dos últimos na fase de maturação linguística, ocorrendo por volta dos 4 ou 5 anos, conforme podemos ver na Figura 4.1.

Figura 4.1 – Aquisição dos segmentos consonantais pelos falantes nativos de inglês (medida em anos).



Fonte: adaptada de Owens (2012, p. 305).

Ainda, vale destacar que, além de ser um segmento de aquisição tardia pelos próprios falantes nativos, apresenta variação nas variedades de inglês, como o inglês indiano, em que é produzido como oclusiva alveolar não vozeada /t/. Dessa forma, chamamos a atenção para o fato de sua produção não ser de fundamental importância para a inteligibilidade, visto que sofre variação dentro da própria língua nativa. No entanto, seu reconhecimento pode favorecer uma maior sensibilidade aos aspectos fonético-fonológicos da língua, visto que tal conhecimento possibilita maior sensibilidade auditiva do aprendiz, o qual é capaz de prestar atenção também a outros aspectos da L2.

Para obter êxito nos aspectos fonético-fonológicos da L2, é importante, conforme veremos na seção a seguir, que o aprendiz desenvolva a consciência fonológica, a fim de compreender as distinções presentes entre os sistemas.

4. A CONSCIÊNCIA FONOLÓGICA E A L2

A consciência fonológica (doravante CFo) é compreendida, conforme Chard e Dickson (1999), como um entendimento deliberado acerca de como a língua oral pode ser dividida em componentes menores e manipulada, em que o indivíduo é capaz de desenvolver habilidades como apagamento, substituição e transposição sonora, entre outros.

Ao concluir as etapas de aquisição na LM, o indivíduo não vem vazio, mas antes traz consigo um sistema linguístico plenamente estabilizado, conforme destaca Alves (2012). É importante que o aprendiz consiga refletir acerca dos sons que compõem o sistema da L2 e como estes podem ser organizados na sílaba, bem como manipular os segmentos, desde unidades maiores (como sílabas) até unidades menores (como os fonemas), assim como é capaz de fazer na LM.

Desenvolver a CFo não é uma tarefa simples nem ocorre de forma instantânea, mas se dá em estágios que envolvem diferentes níveis de complexidade. Aqui, destacaremos o nível correspondente ao nosso objeto de estudo, a consciência dos fonemas, relacionada ao reconhecimento dos sons que compõem o sistema fonológico da L2, sobretudo aqueles que não fazem parte do sistema da LM do aprendiz, como a fricativa interdental não vozeada do inglês. Para obter sucesso nesse nível, é necessário que haja o estabelecimento de novas categorias sonoras para os sons da L2 que não existem na LM, pois, caso contrário, o aprendiz cometerá os desvios configurados na primeira categoria estabelecida por Jenkins (2000), substituição e confusão.

Após refletirmos acerca das contribuições da Sociolinguística para a análise dos processos variáveis na fala dos aprendizes de L2; discutirmos sobre o percurso do ensino do inglês para falantes nativos e não nativos; conhecermos melhor o objeto de estudo em questão; e compreendermos a importância da CFo como fator favorável ao desenvolvimento linguístico, passemos a apresentar a metodologia e discutir os resultados do estudo.

5. DELINEAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa elencou 40 informantes, divididos igualmente em dois grupos distintos:

- 20 alunos que receberam instrução explícita acerca do objeto de estudo – Grupo Experimental (GE).
- 20 alunos que não receberam instrução explícita acerca do objeto de estudo – Grupo Controle (GC).

Os participantes, alunos de duas turmas distintas do 9º ano do ensino fundamental (anos finais) de uma escola particular da cidade de Guarabira, na Paraíba, foram selecionados mediante sorteio para participar do estudo.

Apenas o GE recebeu instrução explícita¹⁴ acerca dos aspectos fonético-fonológicos do inglês por um período de seis meses. Em cada aula, que ocorria semanalmente, os aprendizes eram estimulados a notar as diferenças existentes entre os sistemas (LM / L2) e recebiam diversos tipos de *input* (oral/escrito). Além disso, eles deviam materializar, mediante exercícios orais repetitivos, os conhecimentos obtidos.

Após esse período, os aprendizes forneceram os dados orais, obtidos mediante três tarefas específicas: leitura de imagem, leitura de um pequeno texto e leitura de frase veículo. A coleta aconteceu em um ambiente acusticamente tratado e os dados foram analisados no programa computacional *Praat*, versão 5.3 (Boersma; Weenink, 2014), a fim de obter pistas acústicas quanto à produção da fricativa interdental não vozeada do inglês pelos aprendizes brasileiros.

¹⁴ Essas instruções foram realizadas por meio de atividades mecanizadas do tipo repetições (*drills*). Os alunos tiveram acesso à representação concreta do trato vocal, por meio de reprodução em material do tipo utilizado por dentistas, em que eles puderam visualizar e manusear os articuladores ativos e passivos no processo de produção dos sons. Houve muitas aulas utilizando trechos de séries em inglês, chamando sempre a atenção deles para os aspectos fonético-fonológicos da língua; aulas com músicas; pequenos seminários, em que os alunos deveriam apresentar todo o conteúdo em inglês etc.

Em seguida, fizemos a codificação das ocorrências do fenômeno em estudo. Códigos foram criados para o processo de transcrição das produções dos falantes, e os consequentes dados foram analisados estatisticamente (regressão logística) mediante a utilização do *software GoldVarb X* (Sankoff, Tagliamonte; Smith, 2005).

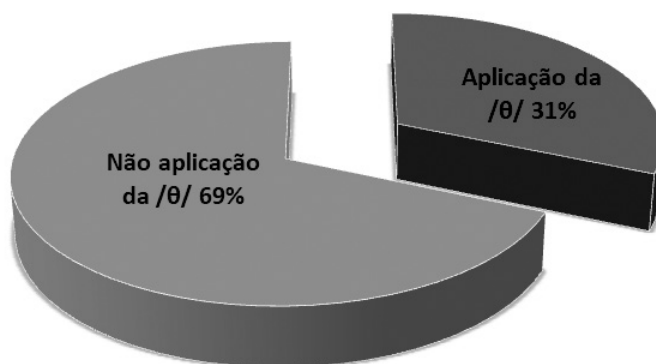
Em uma regressão logística, a medida do peso relativo (PR) é fornecida em uma escala que apresenta 0.50 como valor neutro (no caso de variáveis binárias). Dessa forma, as variáveis cujo PR se encontra abaixo do valor neutro se configuram como não relevantes para a aplicação do fenômeno em estudo. Já seu oposto, a saber, a presença de um PR superando a marca de 0.50, mostra-se favorável à aplicação do fenômeno.

A variável dependente é o próprio fenômeno em estudo, ou seja, a fricativa interdental não vozeada /θ/, analisada em dois ambientes fonológicos específicos: início e final de palavra. As variáveis independentes correspondem ao tipo de instrumento (leitura de imagem; leitura de pequeno texto; leitura de frase-veículo) e de contexto fonológico (início e final de palavra) como as variáveis linguísticas; e a consciência fonológica (alunos com e sem instrução – GE/GC) como variável extralinguística.

6. APRESENTANDO E DISCUTINDO OS RESULTADOS

De um total de 1.835 ocorrências, 68,6% (1259/1835) correspondem à não aplicação da fricativa interdental não vozeada do inglês por aprendizes brasileiros, enquanto 31,4% (576/1835) correspondem à aplicação do fenômeno, conforme podemos observar no Gráfico 1:

Gráfico 4.1 – Frequência global da aplicação da /θ/ (GC e GE)



Fonte: Alves (2018, p. 61).

Com base na análise do Gráfico 1, demonstra-se o uso da LM no tratamento da L2. Na não aplicação, os aprendizes selecionaram segmentos da LM para substituir a fricativa interdental não vozeada do inglês, entre os quais se destaca a oclusiva alveolar não vozeada /t/ com o maior número de ocorrências, o que pode ser explicado pela maior quantidade de *input* escrito nas tarefas – das três tarefas, duas correspondiam à leitura (texto e frase-veículo). A fricativa labiodental não vozeada /f/ foi o segmento de menor ocorrência, o que pode ser explicado porque, entre as tarefas, apenas uma não fornecia o *input* escrito (a leitura de imagem – o aprendiz devia visualizar uma imagem e falar a palavra correspondente em inglês).

Entre os dois segmentos supracitados, categorizados como de maior e menor ocorrência, destacamos o fato de que entre eles a fricativa labiodental não vozeada /f/ é o mais próximo do segmento-alvo /θ/, mudando apenas o articulador ativo no processo de produção. Na fricativa interdental não vozeada, o articulador ativo é a língua e na fricativa labiodental não vozeada o articulador ativo é o lábio inferior. Ambos os segmentos apresentam características acústicas muito semelhantes, e, conforme os dados obtidos na pesquisa, sua maior ocorrência deu-se na tarefa que não tinha a escrita como *input* para o aprendiz (leitura de imagem). Sugere-se para o aprendiz brasileiro que, durante o processo inicial de aprendizado de uma língua com ortografia opaca, como o inglês, em que a relação grafo-fônica não é tão regular como o PB, haja preferência para o *input* oral, visto que este proporciona uma maior proximidade ao aspecto-alvo a ser alcançado.

Entre as variáveis independentes selecionadas pelo programa GoldVarb X (Sankoff; Tagliamonte; Smith, 2005), a variável extralinguística consciência fonológica foi a que apresentou resultados mais significativos, conforme vemos na Tabela 1:

Tabela 4.1 – Variável consciência fonológica (aplicação da /θ/)

Consciência Fonológica (CFo)	Ocorrências/Total	%	P.R.
Alunos sem CFo	28/897	3,1	0.12
Alunos com CFo	548/938	58,4	0.87

Input: 0.314

Significância: 0.000

Fonte: Alves (2018, p. 79).

Com base nos valores apresentados na Tabela 1, podemos concluir que a CFo foi um fator favorável para a aplicação do fenômeno. O PR de 0.87 (58,4% das produções) mostra-se significativo em relação a uma abordagem de ensino em

que os aspectos fonético-fonológicos da L2 não são marginais. Em contrapartida, o PR 0.12 (3,1% das produções), relacionado aos alunos sem intervenção via CFo, sugere que uma abordagem de ensino em que os aspectos fonético-fonológicos não ocupam espaço desfavorece a produção de fonema-alvo.

Nossos resultados demonstram que a instrução explícita dos aspectos fonético-fonológicos do inglês favorece os dois principais mecanismos presentes na CFo em L2, reflexão e manipulação no nível do fonema, considerado como de maior complexidade, visto que o aprendiz deve segmentar a fala em unidades menores que a sílaba, que seria a menor unidade de segmentação natural.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base na concepção variacionista de linguagem, este estudo teve como objetivo principal descrever a aplicação da fricativa interdental não vozeada do inglês /θ/ por dois grupos distintos de aprendizes: indivíduos que não receberam instrução explícita via CFo acerca do inventário fonológico do inglês (L2) e indivíduos que receberam instrução explícita via CFo do inglês (L2).

Os dados revelaram que a maior recorrência de produção se deu por falantes que receberam instrução explícita acerca dos aspectos fonético-fonológicos do inglês, sugerindo que tal aspecto não pode ser negligenciado em sala de aula, visto que o conhecimento das distinções existentes entre os sistemas linguísticos favorece a comunicação, principal motivo de se aprender uma língua. Negligenciar o desenvolvimento da CFo ao ensino de L2 pode acarretar um permanente entendimento de que os padrões da LM são universais, proporcionando maiores dificuldades para o aprendiz.

Como reflexão para a área pedagógica, considera-se de extrema relevância para o profissional que trabalha com a linguagem, seja ela materna ou estrangeira, possuir o mínimo possível de conhecimento acerca da estrutura fonológica da língua e, dessa forma, compreender os principais condicionadores dos “erros” mais comuns produzidos por seus aprendizes, o que é capaz de proporcionar intervenções mais eficazes, visto que o profissional passa a entender o que motiva tais desvios.

8. REFERÊNCIAS

ALVES, A. C. *A importância da consciência fonológica na aquisição do inglês como segunda língua*. Guarabira: UEPB, 2016.

ALVES, A.C. *Análise variacionista da produção da fricativa interdental surda do inglês /θ/ por aprendizes brasileiros*. João Pessoa: UFPB, 2018.

ALVES, U. K. Consciência dos aspectos fonético-fonológicos da L2. In: LAMPRECHT, R. R. *et al. Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores da língua inglesa/org*. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2012.

BAYLEY, R. Second language acquisition and sociolinguistic variation. *Intercultural Communication Studies* XIV. 2, 2007.p.133-144.

BEEBE, L. M. The influence of the listener on code-switching. *Language Learning*, 1977.p.331-339.

CHARD, D.; DICKSON, S. Phonological Awareness: Instructional and Assessment Guidelines. *Intervention in School and clinic*, Austin, v. 34, n. 5, p. 261-270, 1999.

ELLIS, R. *The study of Second Language Acquisition*. Oxford: Oxford University Press, 1987.

GILES, H.; COUPLAND, N.; COUPLAND, J. *Accommodation theory: communication, context, and consequence*. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

JENKINS, J. *The phonology of English as an international language: new models, new norms, new goals*. Oxford: Oxford University Press, 2000.

KRAMSCH, C. *Context and culture in language teaching*. Oxford: Oxford University Press, 1993.

OWENS, R. *Language development: An introduction*. 8. ed. Boston: Pearson Education, 2012.

SANKOFF, D.; TAGLIAMONTE, S.; SMITH, E. *GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows*. Toronto: University of Toronto, 2005.

SELINKER, L.; DOUGLAS, D. Wrestling with context in interlanguage theory. *Applied Linguistics*, v. 6, p. 67-92, 1985.

TARONE, E. Variability in interlanguage use: a study of style-shifting in morphology and syntax. *Language Learning*, v. 35, p. 373-404, 1985.

YOUNG, R. F.; BAYLEY, B. VARBRUL analysis for second language acquisition research. In: BAYLEY, R.; PRESTON, D. R. (ed). *Second language acquisition and linguistic variation*. Amsterdã: John Benjamin, 1996. p. 253-306.

